Quinta-feira, 15 de abril de 1886

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

2.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇÕES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua Direita, 91—AVEIRO

N.º 11

Aveiro

A MAGNA QUESTÃO

DA MARCA DOS VINHOS GENUINOS

DO

DOURO

OS lavradores do alto Douro, tem feito *meetings* para alcançarem do governo a protecção que necessitam a fim de que se não exportem, pela barra da segunda cidade do reino, vinhos, cognominados do Porto, sem que legitimamente o sejam.

No tempo do Marquez de Pombal para defesa dos interesses do Douro e no apogeu do systhema politico denominado *balança do commercio*, copia do que practicára Colbert em França, creou-se a COMPANHIA GERAL DE AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO porisso que a *abundancia do genero, a adulteração excitada pela sofreguidão do ganho e talvez calculos premeditados dos negociantes inglezes*, diz Coelho da Rocha, tinham produzido uma baixa consideravel no consumo, de tal sorte que de 1750 a 1755 os melhores vinhos não passavam de 10 mil reis a pipa.

Com todos os defeitos da restricção imposta ao commercio, é certo que as regiões abençoadas, geradoras do falerno appetecido, principiaram a crescer de valor, a inchar de posses, e a constituirem tractos de terrenos, pingados a libras.

Hoje volvem os productores do licôr genuino a pedirem ás estações superiores uma garantia indefectivel contra as falsificações e descredito porque está passando o vinho do Porto. Todo o trocatintas se julga no direito de exportar vinho da Bairrada, rotula do pomposamente com o distico do *Alto Douro*. Todo o chatim, sem pensar no dia de amanhã, remette para os mercados estrangeiros um geropiga mal fabricada, que para ser peste só lhe falta matar. E' contra esta falcatrua que legitimamente se insurge quem vê ameaçada a fama lidima, á reputação preclara dos vinhos do Porto.

Como não ser assim, como não espalhar-se o descredito, nas praças européas, se por exemplo, em Aveiro, a dois passos dos armazens de Gaia, o vinho do Porto que se vende nas lojas é a zurrapa mais atrevida, a mixordia mais infiel e treda que póde imaginar-se! Ora quando isto succede, tão perto das pipas authenticas, como não hade acontecer lá fóra, onde os nossos consules pouco vigiam este ponderoso assumpto, ou onde teem de luctar improficuamente contra a febre do ganho, e a coragem ardilosa da especulação?

Ainda ultimamente, em Lamego, a Camara Municipal accorreu pressurosa em defeza d'aquella região vinicola, convocando um *meeting*, e fazendo sentir que, sob pena de uma ruina completa, não póde nem deve prescindir-se de medidas rigorosas, e de providencias immediatas que, assegurando a marca dos vinhos genuinos, ponham côbro á fraude d'uma exportação que vai fazer desmerecer o conceito que sempre gozara a producção duriense.

Diz se que a *protecção* quer estabelecer peias á liberdade do commercio. Se esta é a licença mais desenfreada e obnoxia, está feito o panegyrico do systhema protecionista.

E' rudimentar em commercio, que a *confiança* é a base de todas as transacções, ora desde que lá fóra se perceba que o vinho mandado não corresponde á encommenda, é obvio que cessa a importação. Logo, para que essa calamidade não succeda, é imprescindivel proteger e regulamentar. N'este caso não se estorva, *fomenta-se*. Não se retrograda, *progride-se*.

Os exportadores não querem a fiscalisação, porque essa interferencia *involve peias, sem resultado practico*. Assim o disseram ao sr. Ministro das Obras Publicas. Decantam que as suas marcas, firmas, responsabilidades e garantias são sufficientes para os seus fregnezes no estrangeiro, e que o seu negocio dispensa interrogações e zelos que pintam d'importunos.

A *protecção* está sendo practicada por Bismarck e aquelle velho systhema economico, ainda condemnado em 1873 na Universidade de Coimbra pela sciencia de todos os lentes entendidos, volta hoje á tela dos publicistas, como uma medida de salvação. Não nos devemos admirar. Um trecho de Camillo Castello Branco, principe das letras, esclarece este ponto escuro: (*)

« A humanidade anda e desanda. E' como Deus—essa veneranda Hypothese — sorri da « nossa petulancia. Faz que os « nossos creadores de systhemas « appareçam e reappareçam no « palco á imitação das tropas de « theatro, que se vêem desfilar ao « fundo, por largo espaço de tempo, e são sempre os mesmos « soldados que dão volta por detraz das lonas — uns velhos « biombos, que fazem as nossas « illusões. »

O nosso voto é portanto a favor das marcas garantidas para o vinho genuino do Douro.

MELLO FREITAS.

(*) *Esboço de critica*, ORTELLO, pag. 68

LIÇÃO DE PORTUGUEZ

DADA POR UM BRAZILEIRO

Origem de varias phrases explicadas pelo dr. Castro Lopes no *Jornal do Commercio*, fluminense.

Trazer agua no bico

N'este dizer do povo bem claras são, e sem corrupção, todas as palavras, que o formam: de todos é sabido o sentido em que se applica aquella phrase. Mas qual a relação de semelhança entre *trazer, ou levar agua no bico*, e apparentar o desejo d'uma cousa, quando, pelo contrario, outra é a cousa desejada?

« Pretende alguem alcançar certo e determinado fim; mas em vez de claramente indical-o, figura pretender cousa diversa, occultando a verdadeira intenção. Quando tal succede, diz-se, descoberto ou suspeitado o verdadeiro fim, *trazia agua no bico*.

« Este homem, que faz uma tal proposta e procede parecendo até prejudicar-se, não o faz de certo por tolo, *traz agua no bico*. Em summa, *trazer* ou *levar agua no bico* é correspondente a *trazer* ou *levar pensamento occulto* (seja para bom, ou para máo fim), pensamento que só se revela no momento asado.

« Donde tiraria o povo este *simile?* Não me occorre outra origem, senão a observação do que se passa entre certos passaros e seus filhotes.

« Muitas aves, e especialmente os pombos, *trazem, ou levam no bico* para os filhotes, em cujo bico introduzem, o alimento e a bebida. Ninguem, senão no momento em que ellas fazem essa ingestão, percebe que tenham cousa alguma no bico.

« Semelhantemente, um individuo *occulta e não deixa perceber a intenção que tem, esconde o pensamento*, como a ave traz ou leva occulto no bico para os filhos tenros a bebida e o sustento. Do mesmo modo, que ninguem sabe, nem percebe que o sustento e a agua estão occultos pelo passaro, assim tambem se ignora o pensamento d'aquelle que só o manifesta quando julga chegada a opportunidade.

« O *simile* refere-se unicamente ao facto de trazer alguem *occulto o pensamento*, como a ave traz

---

(2) **FOLHETIM**

AS

COMMOÇÕES D'UM ENVENENADOR

NOVELLA

POR

M. A. Brossier

TRADUCÇÃO

DE

Manuel Fernandes Thomaz

(*Continuação*)

Ella tinha o coração agitado: meu pobre Job! Era tão feio! tão desgraçado. Como terei... a coragem de o matar! Nós tinhamol-o adoptado e havia dias que elle nos parecia muito reconhecido.

E' verdade que era muito malcreado, vadio, ladrão: um pandego! Mas o pobre! era essa a sua falta? Quem se occupava d'elle? Quem o tinha iniciado nas subtilezas da moral, e nos requintes do bom tom? Quanto a corrigir-se... na sua edade!...

Uma lagrima, uma perola tinha-se formado sobre a palpebra da minha Suzanninha. Esta lagrima, engrossava, engrossava, á medida que se accumulavam as reflexões. Depois... rolou; tirei-a com um beijo. Vamos, vamos, minha mulhersinha, disse-lhe muito commovido; sê rasoavel... não soffrerá.

II

Na noite do mesmo dia, meditava eu no meu gabinete, sobre os diversos processos de suppressão que podiam disputar a minha preferencia. De repente Suzanna entra radiante.

—Achei; exclamou ella, achei!

Olhei, um pouco interdicto, a minha galante Archimedes.

—Mas sim..., o meio de salvar Job! E' bem simples, damol-o.

Dar Job! a ideia era ridicula; soltei, mau grado meu, uma gargalhada; e ella, toda desconfiada:

—Então?

Não tive o trabalho de lhe fazer comprehender que Job era um presente inaceitavel. Disseram-me mais tarde que poderia tel-o afastado. Talvez; mas a operação é, ao que parece, muito difficil; e demais a ideia não me fôra suggerida. Tres partidos ficavam a escolher; a arma, o rio, e o veneno. Mas eu não tinha arma, o afogamento tinha sempre parecido particularmente cruel; optava pelo veneno.

—Senhor, disse entrando em casa do pharmaceutico, desejava um bolinha.

Um joven praticante, com as faces imberbes e pallidas, inclinava com mil precauções um bocal gigante sobre uma garrafa microscopica, levantou a cabeça para mim bruscamente e lançou-me por cima das suas lunetas azues, um olhar de juiz d'instrucção. Estava pouco satisfeito, parecia-me que ia commetter um crime, e que me suspeitavam d'isso; e a pintura do tribunal, da prisão, do cadafalso, das figuras do juiz e dos gendarmes formavam-se na minha imaginação inquieta, em vago e sinistro desfillar. O' vós cujas mãos estão ainda puras, vós não podeis comprehender quanto é desagradavel pedir, pela primeira vez na sua vida, veneno a um pharmaceutico.

—E' uma bola para um cão, senhor?

—Para um gato.

—Bem; é a mesma cousa.

Procurou, esquadrinhou nas gavetas, passeiou de bocal em bocal, seu longo nariz e suas lunetas azues e, finalmente poz-se a cosinhar uma especie de massa esbranquiçada e viscosa, de apparencia apetitosa. Embrulhou, atou, rotulou, com esta solicitude meticulosa, esta gravidade sacerdotal que parece nos mais humildes droguistas, uma especie de virtude profissional e que augmenta singularmente o valor de suas preparações.

—Aqui está, senhor. Sabe servir-se d'ella?

Envergonhei-me de declarar que não, que era meu principio na carreira onde se illustrou Locusto. Então «elle» explicou.

—E isto mata depressa?

—Instantaneamente!

Perguntei o preço; chamou o patrão. Mas o patrão não podia descer, e um colloquio em voz alta se principiou entre o primeiro andar e a botica.

—Que ha?

—O preço d'uma bola, se faz favor?

—Uma bola para um cão?

—Estava torturado, vermelho, suando de mal estar. Job vingava-se antecipadamente e parecia-me que a rua inteira applicava o ouvido a este dialogo horripilante.

Houve silencio: o patrão recolhia-se. Emfim com a segurança d'um homem honesto que se julgava com o direito e quasi com o dever de esfollar um envenenado.

—E' um franco e cincoenta (275).

Tive um sobresalto: o preço de tres costelletas! Nunca Job me tinha feito uma partida semlehante.

III

Suzanna esperava-me; foi ella que me abriu a porta.

—Então? disse ella.

Interrogava-me com o olhar. Fallava baixinho, baixinho, como se faz entre cumplices.

—Pois bem, tenho o remedio.

—Mostra-m'o então?

Avançou a sua pequena cabeça, mas prudentemente, a distancia respeitosa, com uma curiosidade misturada de repugnancia, para a funebre preparação. As suas pequenas farripas, de ordinario tão alegres, arrepiavam-se com horror.

(Continúa.)

occulto no bico o sustento; muitas vezes tambem a applicação d'este dito popular se refere a um fim util, agradavel, ou pelo menos inoffensivo, e então é de todo o ponto perfeita a analogia. Acho que os mais maliciosos, ao lerem estas curiosidades, não dirão que quando as escrevo *levo agua no bico.*»

Estar de gaita

«E' phrase da lingua portugueza—*estar de gaita*—que significa estar alegre. Parece que *gaita* (instrumento de sopro) vem do francez *gaité* (alegria), e originariamente do latim (queiram desculpar) *gaudeo*, folgar, alegrar-se, etc.

«Diz-se quando se tem bebido, vinho principalmente, ou qualquer outro licôr, que agradou ao paladar—*sabe que nem gaita.* Não só a respeito dos liquidos, mas até de qualquer manjar saboroso, é costume dizer-se, depois de ingeril-o, ainda e apreciando-o—*sabe, que nem gaita.*

«O philologo Constancio julga que esta phrase se usa em referencia ás lampreias, que têem na parte superior do corpo uns buracos, que se chamam *gaita da lampreia*, e que é do peixe a parte mais gostosa. Não contestarei, nem defenderei uma tal origem; mas como tenho uns amigos velhos, de grande experiencia e sabedores de muitas cousas, que vão por este mundo sublunar, direi o que de um d'elles ouvi:

«Lá nas terras do velho Portugal o termo *gaita* tem a accepção especial do chifre de boi. Nas romarias, nas festas rusticas, era costume, e ainda hoje (exemplo da festa da Penha n'esta cidade, do Rio de Janeiro) encher de vinho chifres e trazel-os a tiracolo, para mais facilmente beberricarem.

«E' bem provavel que esvasiados estes, os romeiros os embocassem como *cornetas* e *gaitas*, e d'isto lhes proviesse esta ultima denominação. Como quer que seja, contendo as *gaitas* (chifres) vinho, sempre apreciado pelos amadores, é verosimil que em referencia ao prazer, e ás delicias, que sentiam *os tocadores de taes gaitas*, ficasse usada pelo povo a locução—*sabe, que nem gaita*... isto é, sabe tão bem, que nem *gaita* (o chifre contendo vinho) tem tão bom sabor.

«O que desejo agora é que esta explicação *saiba que nem gaita.*»

Trazer de canto chorado

«E' um pouco lugubre a explicação; mas não importa, porque tudo n'este mundo tem um anverso e um reverso; a vida é uma alternativa de sombra e luz, de dôr e prazer. Gosto sempre de principiar por definir bem as cousas (regra classica), principalmente em questões que versam sobre palavras.

«Entre povos antigos, e ainda modernamente em alguns, havia o costume de pagar a quem chorasse os mortos: eram principalmente mulheres ás que exerciam este officio, provavelmente por serem mais sensiveis e terem as glandulas lacrimaes no bello sexo maior facilidade na secreção da lympha pezarosa, prosaicamente chamada lagrima. *Carpideiras*, assim se denominavam as taes fornecedoras de choro e lamentações, palavra derivada do verbo *carpir*, do latim *carpere* (desculpem), colher, arrancar, porque quem sente grandes dôres arranca os cabellos, etc.

«Em muitos paizes, onde os enterros se fazem á mão, entoam os sacerdotes um canto lugubre, *um canto chorado*, acompanhando o feretro até ao cemiterio. D'esta religiosa e augusta solemnidade parece que tirou o povo o *simile*, por elle applicado, quando alguem anda sempre após outrem repetindo-lhe com voz lamentosa o mesmo pedido, que já mil vezes tem feito. A victima de tal importuno representa o *morto*, atrás de quem vai o enfadonho supplicante entoando *um canto chorado*, que é a fastidiosa e monotona repetição do mesmo assumpto.

«Quem soffre taes importunações é *trazido de canto chorado* pelo sujeito, que por toda a parte o segue e repete o pedido. Por extensão esta locução popular tem sido applicada, quando discutem dous, um dos quaes não deixa o antagonista respirar e o vai sempre atacando com argumentos mais ou menos fortes; e o traz por isso *de canto chorado*.

«E' já esta ultima accepção uma mais lata ampliação do primeiro e genuino emprego da phrase. Modernissimamente parece que tende a ser substituida a locução —*trazer de canto chorado*—pela —*amolar*, *amolação* — palavras que já antigamente na geringonça popular significavam—achar-se em difficuldades, etc.»

Rasões de cacáracá

Certas phrases em muitas linguas existem, que debalde nos diccionarios se procuram: quem lhes sabe a origem é o povo; não qualquer do povo; mas algum que por uma ou outra circumstancia particular veio a ter noticia do facto, donde procedeu a locução transformada posteriormente em dictado popular.

Razões de cacáracá, sabem todos, que são razões de nenhum valor, que não provam sufficientemente; mas quem nos saberá dizer porque se chamam *razões de cacáracá?*

Sabem-n'o aquelles velhos, especie de *in folios vicos*, em cujas paginas (os annos de idade que contam) se acham registradas noticias interessantes e thesouros de subido preço.

E' consultando taes calhamaços que muitas vezes se descobre a razão de muita cousa, que sem razão parecia.

D'esses *cimeliarches* alguns ha, inimitaveis na graça, e ademanes, com que sabem referir uma anedocta, e explicar a origem de muitos dizeres, sem essa explicação incomprehensiveis.

Foi de um d'esses depositarios das taes preciosas velharias que fiquei sabendo porque se chamam *razões de cacáracá.*

Lá vai a historieta, a qual de certo não reproduzirei com o mesmo chiste e sainete, com que m'a contaram.

Litigavam dous sujeitos: um roceiro, e outro cidadão. O juiz, que tinha de julgar o pleito, era amigo do roceiro, autor na causa. As relações de amizade, e a justiça que presumia ter na demanda, davam ao roceiro fundadas esperanças de alcançar sentença favoravel.

Estava proxima uma das festas notaveis do anno; tempo, em que é costume presentear os amigos: foi o que fez o roceiro, mandando ao magistrado seu amigo uma *capoeira de gallinhas*. O réo não se descuidava; e além de ter posto em contribuição todos os personagens, que podessem exercer influencia sobre o juiz, juntou aos autos, com as razões finaes, *documentos de um valor tal*, que só por si eram mais eloquentes do que quantos argumentos pudesse o mais abalisado jurisconsulto apresentar.

Decidido o pleito, teve o roceiro sentença contra. Fulminado por esse raio da justiça humana, veio triste e queixoso ter com o juiz, manifestando a dôr, que lhe produziu tão violento golpe.

Consolou-o o juiz, e tanto, quanto pôde buscou attenuar a magoa do roceiro, terminando por dizer:

—Mas porque não procurou um advogado melhor, um patrono, que mais habilmente soubesse defender o seu direito?

—Porém, meu amigo, as razões, que apresentei, não podiam ser melhores.

—Está enganado; o seu adversario adduziu *provas de grande valor*, *documentos valiosissimos*; entretanto que o meu amigo só apresentou razões...

—Razões muito fortes.

—Não ha tal; as suas razões... as suas razões... foram só *razões de cacáracá*; e o magistrado pronunciou a ultima palavra imitando o *cacarejar das gallinhas.*

(Será bom dizer-se que esta anedocta conta-a o *Suppico*—Mello Freitas).

X. P. T. O.—Christo

«—Não sabem os moços de agora muitas locuções populares, que ha alguns decennios, eram vulgarissimas, guardam, porém, essas tradições os jovens de então, que são os velhos de hoje. Aposto cem mil (preencham a ellipse com qualquer dos seguintes substantivos: —baiocos, sequins, libras, dobrões, dollars, florins, *e mesmo contos de reis*) contra um que, assim como os moços d'aquellas éras não comprehendem a giria da mocidade hodierna, não conhece tambem esta a geringonça d'aquelles tempos.

«Uma fabrica ingleza remettia para o Rio de Janeiro certa mercadoria (parece que eram cobertores de lã) com a marca X. P. T. O. London. Era esta mercadoria a melhor no seu genero; nenhuma lhe levava vantagem; de sorte que qualquer outra da mesma especie, que não tivesse a marca commercial (*trade marck*) não podia com ella competir.

«.....Agora a decifração da marca commercial (*trade mark*):

«Para os que se occupavam do commercio, fossem tratantes (no bom sentido) ou chatins, mui predilecta era a phrase X. P. T. O. London, quando queriam significar que uma cousa era excellente, muito boa, ou como hoje se costuma a dizer a torto e a direito —*esplendida*!

«—Oh! que linda moça! como vai ricamente vestida! Está X. P. T. O. London.

«—Que bonito traje é o d'aquelle rapaz! E' X. P. T. O. London!

«—Este adereço, este anel, este diadema são de muito gosto; estão artisticamente fabricados; são todos X. P. T. O. London.

«Quasi que já não se ouve esta locução; um ou outro velhote só excepcionalmente a emprega, porque hoje o termo favorito é *esplendido*, e com maior requinte *esplendoroso*; até mesmo quando se descreve, por exemplo, um baile, diz-nos o arrebicado narrador:—Esteve sumptuoso, deslumbrante, emfim, *simplesmente esplendido!*

«Mas o que é o tal X. P. T. O. London? Vamos á explicação, que, já se sabe, é só para os que ignorarem.

«As quatro letras, que toda a gente pronunciava como as do alphabeto portuguez, são quatro caracteres do alphabeto grego, e representam a abreviatura da palavra—*Christo*. O fabricante inglez, para indicar a excellencia da sua mercadoria, empregou a sigla, que significa—*Christo*—servindo-se das quatro letras gregas das quaes o supposto—X—corresponde ao nosso *Ch* (com som de *k*), e a que parece um—*P*—é em grego a letra—*R*—, que se chama *Rô*. As outras duas correspondem ao nosso *T* e ao nosso *O*.

«X. P. T. O. London é, portanto, a abreviatura do nome de *Christo* em grego, que com as letras do alphabeto latino seria *Ch. R. T. O.*; e *London* escripto por baixo das taes letras, o nome da cidade donde procedia a mercadoria.

«Se a explicação não está X. P. T. O. London (antigo) talvez a achem *simplesmente esplendida* (placa) os modernos.

ORIGEM DE VARIAS LOCUÇÕES E ANEXINS

Copia do *Elvense*:

I

Sahiu-lhe o gado mosqueiro

Por occasião da guerra entre francezes e sicilianos contra o rei d'Aragão (1286), entraram aquelles á força d'armas na cidade, onde começaram a roubar as casas e a profanar os templos. Entrando na egreja em que se venera o corpo de S. Narciso, a fim de lhe roubarem da sepultura muitas e ricas joias que o ornavam, sahiu d'ella um enxame de moscas, que, investindo com os soldados, produziu tal confusão que o inimigo desamparou a cidade em precipitada fuga. Ficou sendo tão celebrado o caso, que passaram em proverbio, de geração em geração, *as moscas de S. Narciso*, e d'ahi se deriva o nosso adagio: *sahiu-lhe o gado mosqueiro.*

II

Perder a tramontana

Na antiga navegação, ainda no seculo XII, chamava-se *tramontana* á estrella polar, e, como por ella se dirigiam os marinheiros, viam se em difficuldades os que a perdiam de vista; d'aqui a locução popular: *perdeu a tramontana.*

III

Levou-lhe as lampadas

As Vulcanares eram festas, que começavam em Roma em 7 de agosto e concluiam em oito dias. Como eram em honra do deus do fogo, as victimas e tudo que lhe offereciam era totalmente consumido nas chammas. Nestas 8 noites corria a gente pelas ruas com archotes ou alampada nas mãos, apostando qual chegaria primeiro a um sitio designado, sem apagar a luz; o que perdia, dava o seu archote ou lampada ao que ganhava, o que deve ter dado origem ao anexim portuguez: *levar as lampadas* a alguem, no sentido de vencel-o ou excedel-o.

Das mesmas apostas devem ter procedido as carreiras que ainda hoje se fazem com luzes, no carnaval de Roma, forcejando cada um por conservar a sua e apagar as dos visinhos.

Depois das Vulcanares começavam em Roma os serões.

Bibliotheca

SOMBRIOS—por *Firmino de Vilhena*.

São versos d'um patricio meu, que é redactor do *Campeão das Provincias*. Ora esse jornal tem sido sempre benevolo para comigo nas suas apreciações feitas aos meus livros e por isso não posso furtar-me a pagar a divida em aberto. Firmino de Vilhena é irmão d'outro poeta, Fernando de Vilhena, redactor do *Parlamento*, e a ex.ma sr.a, mãe de ambos os poetas, cultivou em tempo as musas. São portanto escriptores de raça. Os *Sombrios* (pelo titulo quasi o denotam) significam uma estreia. A metrificação é certa, e a cadencia harmoniosa, e nas endechas apaixonadas transparecem os vinte annos do auctor. Isto é defeito? Felicissimo defeito!

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO de *Campagne*. Recebemos a caderneta n.º 25 —Editores Lugan & Genelioux, casa Chardron—Porto.

Vamos a paginas 544. Este livro é aquelle que temos recommendado como poderoso auxiliar do ensino e do estudo.

Tres nomes são garantia do seu alto prestimo: o do auctor, e o dos traductores Camillo Castello Branco e José Nicolau Raposo Botelho. Todos tres dão auctoridade á obra, e a barateza da publicação dá-lhe ainda mais realce na utilidade, por isso que a torna acessivel a todas as bolsas.

SERÕES DE S. MIGUEL DE SEIDE—Volume V.

A prosa de Camillo Castello Branco tem sempre louçanias e poderosos encantos apesar da precipitação com que é escripta pelo inexgotavel litterato. Todos os dias pingam no mercado, folhetos, artigos e livros, devidos á penna exuberante e fertil do antigo romancista. A sua actividade derrota as pretenções dos noviços em ultrapassal-o.

Agradecemos a Costa Santos, editor, as suas continuas finezas.

EDUCAÇÃO INFANTIL — *Leituras elementares*, por João Diniz. — Editor, Magalhães & Moniz.

Obra excellente que o conhecido pedagogo dedica a sua mulher e seus filhos.

Tambem tenho um filho e quando elle principiar a ler ensinal-o-hei pelas historias repassadas de candura e simplicidade que o livro encerra. Os outros paes que façam o mesmo é o que sinceramente desejamos aos honestos editores.

PROSAS SIMPLES, por *Guilherme Gama*.—Appareceu este nome de subito e sem réclame. Não andamos acostumados a estes improvisos. E' certo que o *Correio da Noite* transcreveu logo a esmo um conto d'este volume e disse que todos lhe pareciam bons. Nós copiando a fórma da critica do jornal lisbonense havemos de trasladar em o numero seguinte d'*A Epoca* algumas folhas nas *Prosas simples*.

Editores, Magalhães e Moniz—Porto.

Mello Freitas.

Resenha telegraphica

* A 5.—A Russia não se fez representar no «Te-Deum» de Sophia (Bulgaria) n'este dia, anniversario natalicio do principe Alexandre I.

* A 6.—O grupo Castellar, Madrid, conta 10 deputados, sendo ao todo eleitos 19 republicanos. Dizem que a canhoneira allemã «Ciclope» bombardeou Monei Bimbia, na Africa occidental.

* A 8.—Colera em Padua, Italia. Boatos de crise ministerial em Roma. *Gladstone* expõe na camara communs o seu plano quanto á Irlanda; fallou tres horas; as attribuições do parlamento irlandez abrangerão sómente negocios locaes, não poderá occupar-se questões concernentes á corôa, á successão, defesa nacional, e relações externas, geralmente de todas as questões imperiaes; e bem assim deputados parlamento irlandez serão excluidos parlamento inglez; Os *parnellistas* e alguns liberaes appoiaram.

* A 9.—Charbelain e Hartington combatem Gladstone.

* A 10.—Absolvidos pelo tribunal os desordeiros socialistas da praça de Trafalgar. Nova greve em Charleroi. Levantado o estado de sitio na Bulgaria. Despachos di-

zem que Bekel, Senegal, foi atacado por os indigenas; os francezes repelliram o ataque.

* A 11.—Em Athenas, approvada por maioria, moção plena confiança no ministerio; presidente gabinet· Delyannis arengou ao povo concluindo:—«Retirai-vos tranquillamente, confiendo em Deus, na Grecia e nas vossas forças».

* A 12.—Alexandre da Bulgaria curva-se á decisão das potencias *mandando as suas reserras*: o Sultão felicita-o. Gladstone disse á camara que breve apresentaria bill da compra de terras na Irlanda; Churchill combate Gladstone. Parece que Guárez será presidente Republica Argentina.

* A 13.—Gladstone, diz o *Standard*, apresentaria n'esta noite modificações aos seus projectos. Lopez Dominguez, n'uma reunião politica censura asperamente actual governo, Hespanha; Robledo secunda-o. Novas excitações socialistas, nas regiões mineiras de Liége e Charleroi. Recomeçaram na Russia machinações nihilistas.

* A 14.—Camara communs approva em primeira leitura o *bill* do parlamento irlandez, sem escrutinio.

ALTO AQUI SEU JUIZ DE DIREITO!

Ha muito tempo que o temos deixado em paz a comer o seu caldo, entretanto todos os dias se dão conflictos entre pessoas de gravata ao pescoço, n'este paiz das laranjeiras, e não vemos que a justiça ande apressurada a promover processos e a dar 15 dias de cadeia, como quem bebe um copo d'agua.

Ahi vão exemplos:

«O sr. Moreno, redactor do *Correio de Alijó*, foi esbofeteado n'aquella villa, por Torquato de Magalhães, thesoureiro da camara. Deu causa a este desaguisado um communicado que appareceu no *Correio de Alijó*, e que era pouco favoravel ao sr. Torquato.»

Isto passou-se ha mezes.

E d'ahi? Nada.

«No entrudo, á sahida d'um baile de mascaras, da Trindade, em Lisboa, pegaram-se dois *gentlemen*, que costumam *fazer* o Chiado. Os contendores passaram do socco á dentada, succedendo um d'elles deixar um pedaço do nariz na bocca do outro.»

Muito bonito, mas selvagem.

E d'ahi? nada, que é o mesmo que cousa nenhuma.

«Ha poucas semanas o sr. Julio de Vilhena, um ex-ministro, foi espancado na rua mais publica de Lisboa, pelo sr. Conde de Paço do Lumiar».

E d'ahi? Nem nada.

A 5 d'este mez noticia *A Actualidade* houve pelas 8 horas da noite deante da redacção d'aquelle periodico um conflicto entre dois individuos *muito conhecidos no Porto*, de que resultou sahir um d'elles com alguns ferimentos.

E d'ahi? Absolutamente nada.

E para corôa d'estas considerações de muito fragor, credito e possança, passo a arrancar da *Actualidade* de hontem uma novidade casquilha, que está muito bem temperada:

«*Pugilato lyrico*—quer dizer—scena de pancadaria em theatro de canto. Pois ante-hontem, em S. Carlos, no corredor das cadeiras pares, houve umas trocas de sopapos entre dois cavalheiros muito conhecidos em Lisboa e assiduos frequentadores d'aquella casa de espectaculos.»

E o que succedeu? *Zero*.

A Carta Constitucional diz que Aveiro pertence ao Reino de Portugal (o que eu principío a duvidar) e diz no seu duodecimo paragrapho do artigo 145 que a *Lei será egual para todos, quer premeie quer castigue*.

De modo que todo o rigor choveu sobre as nossas cabeças, e no resto do paiz nem sequer orvalha.

Quer saber, seu juiz, o que é ás vezes a pena de cadeia?

Ahi vai esta historia que é fresquinha.

«*Fornos d'Algodres, 6 de abril corrente.*—Um pobre lavrador de «Villa Cova do Covello, foi condemnado a 8 dias de prisão; esta pena «aliás suave, impressionou-o a ponto, «que lhe sobreveio um ataque de loucura furiosa, chegando a correr risco «a sua existencia.

«O digno delegado d'esta comarca «foi incansavel em lhe accudir com «todos os recursos indispensaveis.

«Como cumprisse a pena a que foi «condemnado, sahiu da cadeia, e se«gundo nos consta, está melhor.»

Leia, persigne-se, e apprenda.

Mas dirá com os seus botões: sou inflexivel, *se estralado cahir o orbe ferem-me as ruinas impavido*, tal qual o *justo* de Horacio.

Se assim é, porque razão *promoveu* aquelle negregado processo contra os srs. Mello Guimarães e Mello Freitas? e já que o promoveu porque é que os não promove todos? Para que faz *excepção?* e porque é que n'esta comarca ha n'esses diversos cartorios processos parados ha tempos esquecidos?

Quiz-se, naturalmente, acreditar á nossa custa!...

Allumie a lamparina, prometta uma novena, rese o terço, e um raio divino se o não partir, que o esclareça.

Arauto das Salas

Fazem annos

A 17, a ex.ma sr.a D. Amelia Leite Reis.

A 19, uma filhinha do sr. Domingos dos Santos Leite de nome Maria, e o sr. Francisco Victorino Barbosa de Magalhães.

A 21, o sr. Luiz Pereira do Valle.

A 22, os srs. Adriano Augusto Resende Murteira e Affonso da Silveira Freire Themudo.

BENÇÃO DO ESTANDARTE

DE

CAVALLARIA 10

NO DIA 4 DO CORRENTE

Discurso da ex.ma sr.a D. Branca de Carvalho na Sala das Sessões da Camara Municipal

Meu Senhor:—Tenho a honra de entregar a Vossa Alteza o estandarte que as damas d'Aveiro offerecem ao regimento de cavallaria 10, em testemunho do elevado apreço em que teem esta distincta corporação.

Passando pelas mãos de V. A. o emblema dos brios militares será dobradamente sagrado ao bravo regimento, que saberá aureolal-o de gloria.

A Vossa Alteza o nosso profundo reconhecimento, e a dedicação devida a um principe a quem meritos relevantissimos, unidos á grandeza do nascimento, dão direito a todas as homenagens.

Effusivas saudações aos valentes, que continuarão as gloriosas tradições do heroico regimento de cavallaria 10, ante o qual se prostraram, abatidas, as aguias de Napoleão—o Grande.

Algumas palavras do sr. Coronel Manuel Augusto de Miranda

«Acceitamos, com orgulho e enthusiasmo, essa bandeira, e pedimos a Deus que nos dê forças para a conservarmos sempre livre, pura e intacta das mãos dos inimigos da nossa patria. Tão gloriosa offerta, cuja lembrança ha de atravessar longos annos, trará comsigo, como recompensa—amor, gratidão e respeito ás damas d'esta cidade.»

Discurso do sr. capellão Antonio Joaquim B. Cardote proferido na parada do quartel

Senhores!—Grande por certo é hoje a presente solemnidade em que o corpo de cavallaria n.º 10 recebe, como offerta, de illustres e nobres damas d'esta cidade o emblema sublime da patria, que recorda as glorias brilhantes do exercito portuguez.

Se as damas d'outros tempos armavam por suas proprias mãos em cavalleiros seus filhos para correrem ás fileiras do exercito em defeza do paiz, hoje essas nobres damas offerecem este luzido estandarte como signal indelevel do seu patriotismo, e como estimulo permanente no peito militar pelas glorias de Portugal.

Tudo, senhores, tudo enaltece este dia solemne. Tudo faz exultar de alegria este corpo vendo coroada a sua festa com a presença de S. A. o snr. Infante D. Augusto, que não quiz eximir-se ao duro sacrificio de vir abrilhantar este dia de verdadeiro regosijo; por isso este corpo lhe presta aqui a mais sincera homenagem de respeito e consideração.

Deixemos, senhores, por um momento as scenas do presente para espraiarmos o nosso pensamento pelas glorias do passado.

E' esta bandeira sublime e magestosa que nos recorda os triumphos dos nossos maiores quando por entre o sibilar da flecha, debaixo do fio cortante da espada e sob a ponta da lança ella tremulava intrepida sobre as ameias do inimigo.

Diga-o o Campo d'Ourique; diga-o o Salado quando o brio portuguez, levantando o seu brado de guerra, atravessa o rio, e misturando as espadas que faiscam, umas sobre os escudos, outras sobre capacetes e arnezes, vendo-se elmos e cervilheiras pelo chão roladas, faz tremer o mulsumano, que, á força da valentia portugueza, abandona o campo, procurando na fuga a sua salvação, emquanto que o nosso pavilhão nacional tremula altivo e soberbo á suave briza d'uma gloria immortal.

Diga-o a soberba Ceuta, quando ás suas vigorosas portas os mortos impediam a passagem aos vivos e o inimigo fugia espavorido diante do patriotismo portuguez, como já o havia feito diante da victoria das Navas de Tolosa.

Diga-o Goa, essa cidade do Hidalcão, theatro refulgente das glorias de Albuquerque, do vencedor de Ormuz e Malaca; diga-o Goa quando as quinas portuguezas se arvoraram em suas ameias, tendo de passar por cima do inimigo dez vezes mais numeroso.

Diga-o ainda Aljubarrota, onde 6 a 7 mil portuguezes levam de encontro até ao abismo da vergonha mais de trinta mil castelhanos!

Diga-o Tanger e Arzila; diga-o ainda o nosso pittoresco Bussaco, onde uma barreira de bronze e o sangue a jorros faz eclipsar as aguias francezas e levantar de norte a sul o pavilhão portuguez.

Mas para que cansar-vos, senhores? A historia da bandeira portugueza é a historia de triumphos gloriosos. Nação independente ha sete seculos, ella tem levantado o seu estandarte sempre de triumpho em triumpho por uma parte da Azia, Africa, America, até ás regiões não conhecidas do oceano Austral. Grandes feitos, por certo, mas que teem por base a escola do patriotismo e da heroicidade!

Por toda a parte, senhores, se ouve o ecco de suas façanhas illustres; ecco patriotico, que vem unir-se á nossa alegria de hoje, e retemperar com maior força e vigor a nossa adhesão a essa sublime bandeira, hoje offerta preciosa d'essas nobres damas, e de que este brioso corpo saberá conservar as suas mais lisongeiras recordações.

E' pois, valente corpo, esta a bandeira sublime e magestosa, que ha de, com o auxilio do Deus dos exercitos, attestar nossas glorias futuras, ainda que o sangue tenha de regar a terra e a vida servir de holocausto nas áras da patria. Nem outra cousa o paiz tem a esperar d'um corpo como este, tendo á sua frente tão nobre como illustrado commandante, tão briosa como intelligente officialidade, que sabe comprehender da maneira mais cabal o ponto culminante da honra do exercito.

E' pois sobre esta bandeira que este corpo de cavallaria 10 vae prestar o seu juramento solemne de fidelidade ao rei e de amor á patria; e Deus permitta que jámais seja perjuro ainda nos trances mais arriscados.

Não, não o ha de ser; porque é a esta bandeira, que este brioso corpo vae unir o seu patriotismo, tomando por norma as façanhas de seus maiores; façanhas, que hoje servem de ornamento á patria e de gloria immortal nos fastos do exercito.

Chronica local

Delegado do procurador regio na comarca de Anadia

Está, entre nós, o nosso patricio o sr. dr. Jorge Couceiro da Costa.

Commissão administradora da cadeia districtal

Reuniu no dia 12. Mandou pedir aos delegados das comarcas d'este districto, uma nota do movimento dos presos d'ambos os sexos, nos ultimos 3 annos.

Fallecimentos

A 6, morreu em Ois do Bairro a ex.ma sr.a D. Luiza Fragoso, tia dos srs. Francisco Nunes Fragoso, parocho em S. Lourenço, e José Augusto Nunes Fragoso, tabellião em Agueda.

—Tambem falleceu na Villa da Feira uma filhinha do sr. Francisco Nicolau de Figueiredo Vieira, nosso patricio.

Ponte sobre o Douro em Entre-Rios

Na semana passada foram corridos 50 metros de tramo metalico. Faltam 25 metros de taboleiro, e alguns metros de alvenaria no encontro esquerdo.

Lá se vai o sr. Saavedra

O interminavel poeta, o sr. dr. Luiz Clemente de Carvalho Saavedra Donas Botto, digno sub-inspector de ensino primario, parte para Extremoz, e para Aveiro vem o sr. Antonio Joaquim Vidal.

Provimento

Obtiveram na Relação do Porto os recursos de recrutamento interpostos por José Fernandes Batata, por seu filho Luiz, e Maria da Conceição por seu filho Manuel, d'esta comarca.

Lobos em Travassô

No sabbado vieram ali e mataram n'um palheiro duas ovelhas ou carneiros, ou uma ovelha e um carneiro. Valha a verdade. O lavrador, dono do gado, pela manhã encontrou resquicios. Antes as ovelhas que o lavrador.

Molho, e salvação

Em Vianna, Francisco Pereira da Bella, marujo de Ilhavo, esteve para morrer afogado. Salvou-o Benjamim do Espirito Santo, cabo do mar d'aquella capitania.

Inspecção

A 13, foi, no quartel general da 3.ª divisão, inspeccionado o sr. coronel de cavallaria 10, Manuel Augusto Miranda. Dentro de pouco tempo s. ex.ª reforma-se e sai d'Aveiro, o que deveras sentimos.

Demarcação do Rio Minho

Chegaram na quinta-feira a Caminha os srs. capitão de mar e guerra Bento Maria Freire de Andrade e o primeiro tenente Joaquim Patricio Ferreira, que conjunctamente com o nosso patricio Francisco Augusto da Fonseca Regalla, capitão do porto d'aquella villa, constituem a commissão portugueza de limites para de futuro se evitarem conflictos entre pescadores portuguezes e hespanhoes.

Os commissionados portuguezes e hespanhoes já no sabbado tiveram a primeira conferencia.

Desastre dentro d'uma egreja

No domingo 11, succedeu na freguezia de Arões, Cambra, á missa conventual uma desgraça inaudita. Desabou o côro, sob o peso dos devotos, e esmagou uma pobre mulher, ferindo gravemente vinte e cinco a trinta pessoas. O sangue dos feridos saiu em jorros pela porta da egreja, e os gritos d'afflicção ouviam-se a mais de um kilometro de distancia.

Ordens sacras

O venerando prelado dizem que as vai dar *ex-tempora*. Não quer privar os ordinandos da sua diocese d'este beneficio.

Por causa das duvidas

Deu ás de villa Diogo uma creada, sobre quem recahiam suspeitas de ter praticado o crime de infanticidio em Esgueira.

Destacamento para Tancos

Partiu uma força de cavallaria, commandada pelo sr. alferes Antunes.

Theatro Aveirense

No domingo houve a récita annunciada. Franqueza, franqueza, os *curiosos* andaram detestavelmente. E' melhor que não tornem cá.

O sr. Bispo Conde

Está em Coimbra desde o dia 8, de regresso da Italia. Dizem-nos que foi nomeado prelado assistente ao solio pontificio. É uma graça merecida.

Roubo de 1:300$000 réis

Em Ovar, e em a noite de 8 para 9, foi arrombada a casa do sr. José Maria Costa Pinho, ourives d'aquella villa, e tiraram-lhe objectos d'ouro no valor já mencionado.

Historia de dois bois mansos

O comboio, que é bravo, apanhou-os, perto d'esta cidade, e fel-os em postas. Bons para *beefs*.

Para o asylo de José Estevão

O sr. Thomé Pereira Veiga deu a quantia de 2$250.

Doentes

Aqui, a ex.ma sr.a D. Maria do Ceu Couceiro da Costa,

—Em Alquerubim, o sr. Manuel Maria Amador.

EMULSÃO SCOTT

Até hoje não se ha encontrado um remedio tão efficaz para a phtysica, affecções de garganta e debilidade geral do organismo como o oléo de figado de bacalháo; mas como é muito desagradavel ao paladar, muitas pessoas não pódem supportal-o.

A Emulsão de Scott de oléo puro de figado de bacalháo com hypophosphitos de cal e soda, não só é muito saborosa, mas tambem está preparada de modo que facilmente se diggere.

Não ha duvida alguma que é um remedio muito efficaz para a phtysica, constipações e debilidade nervosa.

Correio de noticias

O que diria Deus lá nos altos ceus?

Dizem da Beira Alta que na egreja de Mello, na occasião de um sermão, um individuo déra duas bofetadas, por questão de ciumes.

O preciso dia da morte do actor Foito

Foi a 17 de março ultimo, que teve logar falecimento do actor. Morreu de febre amarella, e na capital do imperio do Brazil.

Grotesco, mas edificante. Um guarda chuva convincente

A *Soberania do Povo*, de Agueda, narra um caso muito ratão, succedido na egreja matriz d'uma freguezia do concelho.

Um prégador sermonava sobre o *adulterio das mulheres* fulminando com eloquentes coriscos o feio procedimento, pondo-o em toda a sua hediondez. Quando a pintura estava no auge, um marido de catadura terrivel, mas alvar, rompeu por entre o mulherio e aproximando-se da esposa, deu-lhe com um enorme guarda-chuva de panno azul e barbas de baleia uma pancada nas costas e disse-lhe em voz alta convidando-a a meditações pungitivas:

—*Você ouve?!*

A esposa tinha culpas no cartorio.

Uma notabilidade d'este paiz

Con arte, y con engaño,
vivo la mitad del año:
y con engaño, y arte,
vivo la otra parte.

(Citação da *Arte de furtar*.)

Era um malandrin de *primo cartello*.

Dotado de perspicacia, e atrevido, tornou-se celebre este gatuno nos annaes da nossa policia.

Fallo do *Physico*.

Luiz Augusto Pereira, que tambem se chamou Alfredo Frederico Fernandes, Jorge de Brito Viriato, e Alfredo de Sousa, contava agora 27 annos de idade.

Era filho de um medico.

Nasceu em Vianna do Castello, e falleceu na semana passada, na cadeia de Evora, onde cumpria sentença por uma subtracção industriosa de dinheiro, feita ao commerciante Costa Lobo, d'aquella cidade.

Foi a sua ultima proeza.

Agora alguns trechos da sua brilhante carreira de fajardo, e de intrujão:

Sendo corrector do *Hotel Central* em Vianna do Castello foi requisitada a sua captura pelo administrador de Penafiel ao de Vianna. Tinha furtado tres libras e um casacão.

Seguiram-se depois: captura por officio do administrador de Vianna do Castello de 2 de janeiro de 1884 pelo crime de furto, sendo então preso pelo cabo Jacob, no incendio que teve logar no quartel da Graça, na occasião em que elle offerecia os seus prestimos como *bombeiro*... Pouco tempo depois foi capturado no Porto pelo crime de furto industrioso, estando preso nas cadeias d'aquella cidade por espaço de seis mezes.

Em 21 de novembro de 1885, foi requisitada a sua captura em telegramma do administrador do concelho de Villa do Conde por haver ali subtrahido a quantia de 50 mil réis.

Em 27 do mesmo mez foi requisitada a captura de um individuo que pelos signaes caracteristicos reconheceu-se ser o *Physico*, o qual tinha exercido *clinica medica* n'uma povoação de Traz-os-Montes, durante um anno!

Na Regua, por occasião de um espectaculo que ali teve logar apresentou-se como commissario de policia de Villa Real, e como tal foi presidir ao mesmo espectaculo.

Um bello dia apresentou-se no hospital de S. José para mostrar o edificio a um outro individuo que o acompanhava e como o porteiro lhe observasse que não era a hora de entrada, disse ser director do hospital de Braga e logo se lhe abriram todas as portas.

Emfim fez numerosas proezas e algumas muito engraçadas, que demonstravam que o typo ludibriava com arte rindo-se das peças que pregava.

Assumia todas as qualidades e encadernava-se em multiplices formatos para extorquir algumas libras. Sabia do officio e trabalhava por vocação.

Pouco antes de fallecer, conhecendo que estava proximo da morte, lamentava esticar a canella sem satisfazer o seu maior desejo.

—Qual era? perguntou-lhe alguem.

—Era vingar-me do sr. Costa Lobo.

—Então como?

—Intrujando-o outra vez, mas com quantia não inferior a 400 mil réis.

—Pois pensou n'isso?!

—Pensei e tinha a certeza da desforra. O caso dependia apenas de me ver solto. Havia de pagar-me como usura esta receita de cadeia que me applicáram.

Ora Deus o receba em sua santa gloria, mas cautela não se deixe intrujar!

O sr. Visconde de Villar Allen, os eucaliptos, e novos bichos da seda

Trata-se de um sericegeno (um bicho da seda), o *Bibindandy* dos indigenas de Madagascar, do genero Borocera (Beisdwal).

Este bicho da seda póde viver perfeitamente ao ar livre, mesmo em grandes altitudes d'aquella immensa ilha africana, aonde, mesmo assim, a temperatura desce ás vezes muito e aonde as chuvas são muito abundantes de novembro a março.

Acresce que o Borocera *Bibindandy* alimenta-se da folha de varios vegetaes, como o tapiá, o goiabeiro, o salixbabilonica (chorão commum), etc.; muito recentemente aquelle missionario, entregando-se a experiencias e observações sobre a educação do Borocera *Bibindandy*, descobriu que a folha do eucalipto lhe podia servir de alimento, circumstancia que deve ser de grande interesse para muitas regiões aonde aquelle vegetal tanto se tem espalhado.

Seria bom que o governo mandasse proceder a estudos aturados, sobre esta materia que nos interessa muito.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

VENDE-SE, n'esta cidade, uma egua, russo claro, nova que trabalha excellentemente a carro e de cavallaria. E' de bastante robustez e altura.

COMPRA-SE outra, d'entre sellas, até 6 annos, que trabalhe tambem a carro, de parelha e só.

Em casa do ferrador Joaquim Fernandes—Rua do Alfena—se se dão esclarecimentos.

Venda de casas

Vendem-se duas, que pertencem ao herdeiros de Manuel Simões Amaro. Quem as pretender falle nas mesmas, sitas na rua da Cadeia, com a viuva.

BARBEIRO

NA RUA DIREITA, 163 e 165, precisa-se um aprendiz que tenha mais de tres annos de pratica. Dá-se ordenado.

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de

FIGADO DE BACALHAO

COM

Hypophosphitos de Cal e Soda.

E tão agradavel ao paladar como o leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simples de Figado de Bacalhao e tambem as dos Hypophosphitos.

Cura a Phthisis,
Cura a Anemia,
Cura a Debilidade em Geral,
Cura a Escrofula,
Cura o Rheumatismo,
Cura a Tosse e Sezões,
Cura o Rachitismo das Creanças.

E receitada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradavel, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

A venda nas boticas e drogarias

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de João B. Ribeiro Junior.

Agentes, James Cassels & C.ª, Mousinho da Silveira, 127—1.º—Porto

Camillo Castello Branco

SERÕES DE

S. MIGUEL DE SEIDE

Chronica mensal de litteratura amena, novellas, polemica mansa, critica suave dos máos livros e dos máos costumes

Sahirá no dia 1 de cada mez um volume, contendo 70 a 80 paginas, formato 8.º, nitidamente impresso em excellente papel custando cada volume 200 réis por assignatura, pagos no acto da entrega, e 250 réis avulso. Para a provincia só se acceitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia adiantada de 5 volumes ou 1$000 réis. A casa editora considera seus correspondentes todos os senhores que angariarem qualquer numero de assignaturas, superior a 5, garantindo-lhes a percentagem de 20 p. c., ficando a distribuição a seu cargo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á LIVRARIA CIVILISAÇÃO de *Eduardo da Costa Santos*—editor—rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

William Shakespeare

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez

POR

D. LUIZ DE BRAGANÇA

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6.—Preço, 300 reis; pelo correio, 320.

ACABA DE SAHIR A LUZ O 1.º VOL. DO

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

POR

E. CAMPAGNE

DIRECTOR DO COLLEGIO

Trasladado a portuguez e ampliado nos varios assumptos relativos a portugal por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Nova edição portugueza illustrada. Consideravelmente augmentada com um crescido numero de artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia por JOSE' NICOLAU RAPOSO BOTELHO.

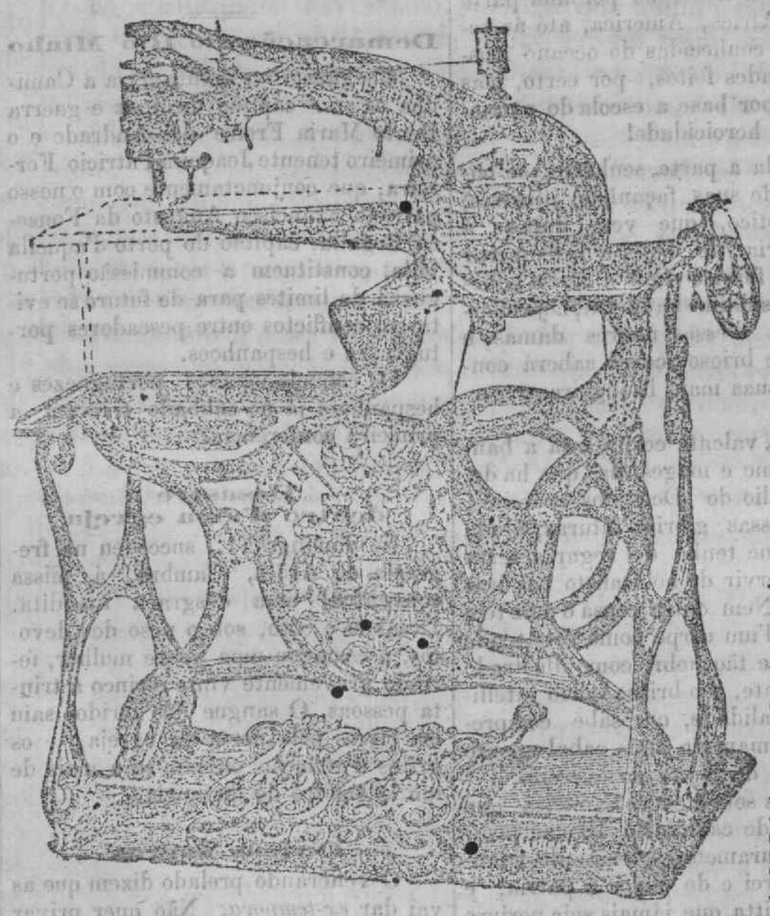
Preço por assignatura..... 3$400 rs.

Ainda se tomam assignaturas ás cadernetas, de 200 reis cada uma, em todas as livrarias e na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, LUGAN & GENELIOUX successores.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

RUA DIREITA—AVEIRO



Participa aos seus amigos e ao publico de Aveiro e arredores, que acaba de abrir um importante deposito de MACHINAS DE COSTURA as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A *MEMORIA* (especialidade que mais recommenda), é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela solidez e variedade de trabalhos que executa, supplanta toda e qualquer machica que se tem vendido em Aveiro.

A *MEMORIA*, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 onde foi a UNICA MACHINA DE COSTURA que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A MEMORIA vende-se a presta ções de 500 réis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto aos compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina MEMORIA dire comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços, que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

HISTORIA DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos

DOS

Patriotas mais illustres d'aquella epocha

E DOS HOMENS MAIS NOTAVEIS DO SECULO XVIII

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos **Brindes** a cada assignante, consistindo em 4 magnificos **Quadros** compostos e executados por Professores distinctos de Bellas Artes. Os **Brindes** distribuidos a cada assignante venderse-hão avulsos por **50$** reis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez.

Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 reis sem mais despeza alguma. No imperio do Brazil cada fasciculo 800 reis fracos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40. Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10$000 reis fortes. O 1.º fasciculo sahirá em abril proximo.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição na *Livraria Portuense de LOPES & C.ª—Editores*. Rua do Almada, 123—Porto. Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno.....	4$000
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Agente em Portugal—Ernesto Chardron Porto.

AVEIRO

Typographia da EPOCA

Rua de Jesus